

4

Conseqüências para uma pedagogia da fé

*A verdadeira viagem de descoberta
consiste não em procurar novas
paisagens mas em ter novos olhos.*

Marcel Proust

Até aqui nos dedicamos a apresentar algumas das linhas mestras que orientavam o catecumenato primitivo, concretamente nos séculos III e IV, quando este se estruturou como um processo educativo-comunitário.

Na primeira parte deste estudo buscamos situarmo-nos ante os desafios que se colocam para a missão de evangelizar. Para Velasco, vivemos um tempo de crise da fé que, conseqüentemente, afeta o processo de evangelização, de transmissão da fé cristã.

A transmissão da fé ocupa o primeiro plano entre as preocupações da Igreja e das comunidades cristãs. A razão dessa preocupação está na grave crise que atravessa essa transmissão, crise que se inscreve na crise da fé presente na maior parte dos países ocidentais de tradição cristã¹.

Neste contexto, a transmissão da fé aparece como objetivo pastoral prioritário na ação evangelizadora, incluindo as atividades eclesiais que se colocam a serviço do anúncio querigmático e do ensinamento, sua compreensão e formação pessoal e comunitária, sejam elas: a catequese sacramental, a educação religiosa desenvolvida nas escolas, as diversas pastorais atuantes nas comunidades locais, o acompanhamento, formação e aprofundamento dos agentes evangelizadores².

Devido à amplitude de questões relacionadas com a transmissão da fé, centraremos nossa atenção no seu aspecto pedagógico, no que concerne à pedagogia da fé. Neste campo da ação evangelizadora, o catecumenato primitivo torna-se experiência fontal, não apenas por sua inspiração na pedagogia de Jesus e

¹ VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002, p. 7.

² Designamos neste estudo a ação evangelizadora não apenas como a atividade catequética de iniciação sacramental, mas a que enfoca todas as atividades da Igreja que servem à sua expansão, renovação e realização missionária. Cf. BIEMER, G., op. cit., p.72.

na evangelização apostólica, como também pelo diálogo com o tempo, com as expectativas, resistências e desafios do ambiente em que está situado. “É teologia eclesial que nasce no seio vivo de uma comunidade a caminho”³.

Nesta etapa nossa pesquisa procurará um olhar de parceria e de orientação entre a experiência do catecumenato primitivo e a evangelização atual. Não pretendemos responder às muitas questões que permeiam o campo da evangelização hoje, mas a partir da constatação das interpelações apresentadas no capítulo inicial, propor, modestamente, um resgate de alguns aspectos importantes já presentes na experiência mistagógica da Igreja dos primeiros séculos que podem iluminar a evangelização atual,

4.1

O resgate da experiência mistagógica para a evangelização atual

Na dinâmica da Revelação, o Espírito de Deus segue falando aos homens e mulheres de todos os tempos, à Igreja e às comunidades locais. O contexto histórico possui valor teológico e teológico, constituindo um verdadeiro lugar para a Revelação de Deus a cada época⁴. Na experiência mistagógica da Igreja primitiva transparecia essa consonância com a Revelação, aberta aos sinais dos tempos e ao diálogo com as diversas situações e interpelações que se lhe apresentavam.

Verificamos até aqui que a experiência mistagógica dos séculos III e IV nos apresenta a eterna novidade da dinâmica da Revelação e nos oferece pistas, como se abrisse nossos ouvidos para a “voz de Deus”, que nos fala nas palavras e orientações dos Padres da Igreja em sua interlocução com cada tempo e suas comunidades tão diversas e originais, como também nos atuais agentes de evangelização, em nossas comunidades, nas dificuldades que enfrentamos e nas alegrias que compartilhamos. Percebemos, portanto, que o catecumenato primitivo nos auxilia a revisar e, quando necessário, reorientar a ação evangelizadora à luz da experiência tão inspiradora da Igreja neste período.

³ FORTE, B., op. cit., p. 85.

⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 8.

O resgate dessa experiência fontal se faz presente no documento do Ritual Romano, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos⁵, à luz das orientações do Concílio Vaticano II. Neste documento, encontramos uma revisão do Rito de Batismo de Adultos na sua estrutura catecumental, propondo um tempo de formação dividido em várias etapas, tendo por base o princípio da iniciação cristã como um processo gradativo, um itinerário espiritual⁶.

Como vimos na estrutura do catecumenato primitivo, o tempo da mistagogia aparece como a etapa de culminância nesta formação, quando o neófito está mais amadurecido, devido à sua passagem pelas etapas de formação anteriores. No RICA, documento revisado segundo as orientações do Concílio Vaticano II, reencontramos a estrutura do catecumenato primitivo, marcada por diferentes etapas e, considerando a etapa mistagógica, como um período de formação especial, que avalia a maturidade espiritual do iniciante a fim de que esteja apto a acolher os conteúdos específicos e aprofundar seu relacionamento comunitário.

O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar.

Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento, há etapas ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.

Estas etapas são compreendidas em quatro tempos sucessivos: o pré-catecumenato, caracterizado pela primeira evangelização; o catecumenato, destinado à catequese completa; o tempo da purificação e iluminação, destinado à mais intensa preparação espiritual; e o da mistagogia, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade⁷.

No entanto, a proposta que emerge de nossa pesquisa consiste em compreendermos a mistagogia como a orientação teológica e espiritual que já se encontrava na base do processo catecumenal primitivo, e não apenas como uma etapa final ou de culminância. Nesta seção, desejamos ponderar que a experiência mistagógica pode tornar-se uma referência para a evangelização atual, inspirando-nos a atitude que nos coloca como participantes de uma dinâmica, de abertura e acolhimento do Mistério que se revela para cada pessoa e que nos envia à missão.

⁵ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*, São Paulo: Paulus, 2001.

⁶ *Ibid.*, n. 4.

⁷ *Ibid.*, n. 6-7.

Vejamos como a Conferência dos Bispos do Brasil nos orienta neste sentido:

Só evangeliza quem aceita e segue o caminho de Jesus: “Vem e segue-me” é o convite fundamental que o Senhor continua fazendo a todos os que querem participar da aventura do Reino. Para ser verdadeiro evangelizador, é necessário, antes de tudo, deixar-se evangelizar, sendo ouvinte atento ao que Deus fala, a exemplo da Virgem Maria. É necessário acolher a Palavra “com a alegria do Espírito Santo” e aceitá-la “não como palavra humana, mas como verdadeiramente é: Palavra de Deus que está produzindo efeito em vós”⁸. (cf. Mt 19, 21; 1Ts 1,6. 2,13)

O que desejamos assinalar é que tanto a experiência do catecumenato primitivo como o RICA, apesar de sua distância no tempo e no contexto histórico e social, possuem um eixo mistagógico em sua base, e que também torna-se orientador do processo de iniciação cristã. Neste mesmo sentido, ousamos estender a vertente mistagógica, não apenas para a iniciação de adultos, e sim para a ação evangelizadora nas suas mais diversas formas de atuação e de atividades pastorais e catequéticas.

A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com a atenção, o zelo e o respeito pela condição presente de cada pessoa humana. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, estamos diante de uma experiência atenta aos sinais dos tempos, como acontecimentos que anunciam, na forma indireta e alusiva, os passos de Deus por nossa história. “Para cumprir esta missão é dever permanente da Igreja escutar atentamente os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho (...)”⁹.

Em consonância com a orientação conciliar, buscaremos elucidar em parceria com a experiência do catecumenato primitivo, algumas orientações para a ação evangelizadora nas comunidades cristãs. Não se trata de uma busca de fórmulas prontas e sim de encontrarmos nesta experiência fontal eixos referenciais e pistas metodológicas para que cada comunidade, segundo sua realidade e circunstâncias próprias, possa ser auxiliada a revisar, planejar, criar e recriar sua estrutura catecumental, mistagologicamente.

⁸ CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 1999-2002*, n. 9, op. cit.

⁹ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n., 4 § 1, op. cit.

4.1.1

Contribuições da mistagogia para a evangelização

A análise do processo de transmissão e de formação na fé deste período do catecumenato primitivo nos ajuda a descobrir as possibilidades que o Cristianismo encerra para responder às interpelações que vêm sendo feitas à ação evangelizadora e, por outro lado, as oportunidades que o próprio momento de mudança paradigmática, que chamamos de modernidade, oferece às comunidades e aos seus membros.

Muitos estudiosos referem-se a uma crise na transmissão da fé proveniente dos diversos fatores presentes na modernidade, em sua crise e transformações¹⁰. No entanto, não pretendemos excluir os fatos concretos que vêm abalando o processo de evangelização, mas nos posicionarmos serenamente diante deles, encarando-os não como obstáculos, mas como situações de passagem da sociedade, que nos convidam ao discernimento, ao diálogo, e ao encontro de novos recursos para responder aos desafios igualmente novos que se nos apresentam¹¹. É uma postura de quem percebe a modernidade não como uma patologia a ser curada, mas como situação histórica, etapa fecunda, onde se fazem presentes conteúdos e bases propícias para que o Evangelho continue a ser anunciado e vivenciado¹².

Algumas questões que a modernidade coloca para o Cristianismo certamente não estão com suas portas cerradas para o anúncio e a missão, tal qual uma posição inicialmente cética frente à modernidade poderia supor.

Pode-se dizer, por exemplo, que a vida cristã é bastante exigente e que a sociedade atual reage a qualquer modalidade que solicite opções radicais ou compromissos estáveis. Por outro lado, também podemos observar que muitos jovens vêm abraçando causas bastante exigentes e se comprometendo com elas,

¹⁰ Sobre este tema ver GONZÁLEZ-CARVAJAL, L., *Evangelizar em um mundo postcristiano*, Santander: Sal Terrae, 1993; COX, H. *La religion em la ciudad secular*, Santander: Sal Terrae, 1984; LIBANIO, J. B., *Eu creio, nós cremos*, op. cit.; MIRANDA, M. F., *Inculturação da fé*, op. cit.; BINGEMER, M. C. L., *Alteridade e Vulnerabilidade*, op. cit.; QUEIRUGA, A. T., *Fin del cristianismo premoderno*, Santander: Sal Terrae, 2000.

¹¹ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., 2002, pp. 11-25.

¹² Para esta postura é fundamental a atenção à formação continuada e renovada dos agentes de evangelização. Cf. ANTONIAZZI, A., op. cit., pp. 266-267.

dedicando-lhes tempo, esforço, criatividade e tecnologia moderna¹³. Portanto, a mudança radical de vida e as exigências provenientes da resposta da fé à Revelação não são definitivas para uma atitude de fechamento à proposta cristã.

Um outro ponto que alcança o processo de evangelização seria a cultura materialista, positivista, centrada no interesse, na ganância e na busca do desfrute imediato, que tornariam difíceis a compreensão do Cristianismo e de seus valores. Contudo, para Velasco, este também não é um fator determinante, pois o materialismo também está em crise, principalmente entre muitos jovens, que rechaçam o racionalismo e a cultura puramente materialista e resgatam os valores espirituais, emocionais, as demais dimensões da pessoa humana¹⁴.

Um terceiro ponto que podemos avaliar seria a indiferença religiosa, a ausência de uma sensibilidade religiosa que servisse de ponto de contacto para o anúncio do Evangelho. Este aspecto também não pode ser radicalizado, pois o retorno das experiências do sagrado já nos provou que a secularização não eliminou das pessoas e das sociedades a sensibilidade para o religioso. Ao contrário, a efervescência religiosa prolifera principalmente nas áreas mais secularizadas do mundo, mostrando persistência e vitalidade e desmentindo as teses que identificaram a secularização com a desaparecimento da religião¹⁵.

No capítulo inicial selecionamos alguns pontos para avaliarmos a ação evangelizadora frente às interpelações da modernidade, e que foram os que se seguem:

1. A necessidade de estarmos atentos ao lugar central que a racionalidade ocupa na modernidade e de buscarmos, em consonância com a antropologia judaico-cristã, uma estrutura de evangelização que inclua as várias dimensões da pessoa humana, e que acentue as relações fundamentais e não a pura inteligência¹⁶;
2. O surgimento de experiências religiosas que reforçam o individualismo, baseadas principalmente na emoção e na sensibilidade, nos adverte a privilegiarmos uma espiritualidade onde o ponto de partida seja o

¹³ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 22; FERNANDES, S. R. A., Prática religiosa e participação social, in SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A., (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*, São Paulo: Paulus, 2002, pp. 125-126.

¹⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 2, p. 23.

¹⁵ Cf. BINGEMER, M. C. L., *Alteridade e Vulnerabilidade*, op. cit., pp. 27-31; MARTINS, A. D., Crenças e motivações religiosas, in SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A., (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*, São Paulo: Paulus, 2002, pp. 77-87

diálogo com Deus, o radicalmente Outro, que nos abre para a dinâmica da alteridade¹⁷;

3. O desaparecimento dos sistemas de significações e simbolismos sob a hegemonia da racionalidade e a necessidade de resgatarmos as mediações simbólicas, tão fundamentais para expressar a experiência religiosa¹⁸.

O que podemos perceber no centro destas experiências de religiosidade é o emergir de um novo paradigma onde retornam as questões últimas da pessoa humana, como a necessidade de sentido, a sensibilidade para os valores éticos, o desenvolvimento de relações dialógicas e criativas, a busca de harmonia com o cosmos. Libanio apresenta essas características como busca de pontos de contacto com o mais profundo do humano e com a integração das diversas dimensões da pessoa afetadas pela racionalidade moderna¹⁹.

Ao confrontarmos a experiência mistagógica do catecumenato primitivo com o advento da modernidade e as interpelações atuais, ficam evidenciados muitos aspectos que infundem novo ânimo para prosseguirmos no legado missionário sustentado pelo Espírito de Cristo.

Nos propomos, portanto, a explicitar essa parceria, restauradora de esperanças, auxílio para o discernimento e organização dos conteúdos da fé e das mediações pastorais pedagógicas na ação evangelizadora. Para tal, selecionamos alguns aspectos presentes na experiência mistagógica e que poderão nos orientar nesta missão hoje. Eles não serão apresentados enquanto etapas sucessivas ou gradativas, mas como diferentes aspectos que se inter-relacionam na dinâmica da transmissão da fé.

Na próxima seção abordaremos, portanto, os aspectos seguintes, como possibilidades de resgate da experiência mistagógica para a evangelização atual:

1. O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação;
2. A pedagogia do Mistério e a alteridade divina;
3. A compreensão da fé como caminho;
4. O papel do testemunho na dinâmica mistagógica;
5. A concepção de transmissão da fé;

¹⁶ Cf. WITTSCHIER, S., op. cit., pp. 27-34.

¹⁷ Cf. BINGEMER, M. C. L., op. cit., pp. 62-65; ANTONIAZZI, A., op. cit., p. 260.

¹⁸ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., pp. 104-105.

6. Um encontro de liberdades;
7. As comunidades de vida;
8. A circularidade hermenêutica;
9. O papel das mediações.

A eles dedicaremos nossa atenção nesta etapa de nossa pesquisa, cientes de que desejam indicar caminhos, mas que será a experiência mistagógica vivida em cada comunidade que vai ajudar a discernir e criar novas soluções para as situações que se apresentarem.

4.1.1.1

O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação

Vejam, em primeiro lugar, a fonte primeva do Cristianismo, ou seja, o anúncio querigmático. As primeiras comunidades não apenas encarnaram a Boa Nova, mas a anunciaram e convocaram novos adeptos para participar daquela experiência contagiante e vivificadora. Foram comunidades atuantes, que assumiram o anúncio missionário, sem encarar os limites geográficos ou culturais como obstáculos à missão. Foram também comunidades produtivas teologicamente, capazes de construir textos que elaboram a novidade cristã e dialogam com a realidade de cada grupo acompanhado.

E de onde vinham tanto ardor e renovação? Da experiência de encontro com o Cristo ressuscitado, da Boa Nova revelada na manifestação extrema do amor de Deus aos homens frente a uma sociedade incapaz de responder às perguntas radicais das pessoas. Velasco nos fala do tema da “novidade” como característica marcante na comunidade primitiva.

A irrupção da novidade cristã os renovou interiormente, dotando-lhes de um novo espírito (Rm 7,6) que renovou sua mente (Rm 12,2), os fez membros de uma nova comunidade em que vivem de acordo com o “mandamento novo” (Jo 13,34), convertem-se ao “homem novo” e entoam um “cântico novo” (Ap 2,17; 5,9)²⁰.

¹⁹ Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., pp. 54-55.

²⁰ VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, op. cit., p. 14.

Está claro que foi a experiência pascal que determinou a compreensão e a identidade da comunidade cristã primitiva. Nenhuma outra coisa é suficiente para explicar seu surgimento. Essa compreensão foi iniciada pelo encontro histórico com Jesus Cristo e consumada e selada pela experiência pascal.²¹ A perspectiva missionária vem com o mandato de Cristo. Contudo, é em Pentecostes que ela nasce, como um transbordamento do *kerigma*. Deste modo, se foi a experiência da ressurreição que deu certeza aos discípulos sobre aquilo em que acreditavam, foi Pentecostes que lhes deu o impulso missionário. Só por meio do poder do Espírito é que puderam tornar-se testemunhas. É o Espírito que impele os discípulos ao anúncio²²: “*E sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até as extremidades da terra*”. (At 1,8)

A consciência da novidade que compartilham leva os discípulos a viverem uma “vida nova” (Rm 6,4) que se caracteriza pela alegria, pela esperança, novas relações entre seus membros e uma nova visão de mundo. Esse é o Espírito que anima e penetra as primeiras comunidades²³. É fonte de vida, de renovação, de soluções frente aos problemas que se lhes apresentavam, de criatividade missionária, de diálogo com as culturas e etnias. E é esse mesmo Espírito que sopra e vivifica o movimento de expansão do Cristianismo e que está presente no trabalho teológico dos Padres da Igreja ao dialogarem com as interpelações próprias de seu tempo²⁴.

Aqui encontramos a fonte e a natureza do processo de evangelização cristã²⁵, o núcleo de toda a experiência que conhecemos como mistagógica: uma dinâmica viva de abertura à Revelação, na qual a espiritualidade e a vida cotidiana caminham juntas e podem fecundar a realidade com a força renovadora do Espírito. A estrutura das comunidades primitivas e do processo de evangelização do período dos séculos III e IV estava imbuída da dinâmica mistagógica, da presença de Jesus Cristo e de Seu Espírito.

Diante desses pressupostos, apresenta-se uma primeira questão frente à evangelização atual: as estruturas de nosso processo de anúncio e de formação

²¹ Cf. WIEDENHOFER, S., *Eclesiologia*, in SCHNEIDER, T., (org.), *Manual de Dogmática*, vol. II, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 64.

²² Cf. PAGOLA, J. A., *Acción pastoral para una nueva evangelización*, Santander: Sal Terrae, 1991, p. 272.

²³ Cf. SANTANA, L. F., *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*, op. cit., pp. 139-143.

²⁴ *Ibid.*, pp. 157-158.

²⁵ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 18.

cristã presencializam a Jesus Cristo e a Seu Espírito? Podemos perceber uma ação evangelizadora que viabilize a experiência viva de Deus, que parta do núcleo da própria experiência?²⁶

Inspirados na mistagogia já presente nas primeiras comunidades, da qual os Padres da Igreja são seguidores, percebe-se que a evangelização era tão essencial na Igreja nascente que se pode afirmar que eram comunidades em estado de evangelização, em estado de missão, configurando uma atitude fundamental²⁷. A mistagogia é um convite a nos colocarmos em estado de evangelização, no sentido de nos deixarmos penetrar pela experiência viva e vivificante do mesmo Espírito, que soprou nos corações e revolucionou a vida da Igreja primitiva. Do contrário, “corremos o risco de anunciarmos rios de palavras e discursos, mas não o *kerigma* que provoca a profunda experiência da fé cristã”²⁸. O que queremos dizer é que muitas vezes os esforços da ação evangelizadora se concentram no anúncio verbal do conteúdo do Cristianismo, e é fato que este é fundamental. No entanto, a importância do anúncio querigmático reside na abertura e comunhão com o Espírito, pois será desta fonte que surgirá a força transformadora da palavra pronunciada.

Este mesmo tema nos remete à observação da experiência que estamos vivendo enquanto cristãos, confrontando-nos mais uma vez com o Cristo Ressuscitado e deixando-nos interpelar pela espiritualidade que nasce desse encontro profundo e se desdobra na vida cotidiana e nas relações que estabelecemos conosco mesmos, com as pessoas e com o mundo.

Talvez tenhamos que reconhecer que nossas comunidades não transmitem porque não têm o que transmitir, ou melhor, que não somos de verdade cristãos, não vivemos como tais, não constituímos a semente, o fermento, a luz, o sal que o Evangelho nos convida a ser, e que, na medida em que somos, germinam, fermentam, iluminam e salgam. É dizer, que talvez a falta de uma renovação geral de que padece o Cristianismo se deva em boa medida à falta de renovação interior, espiritual: a renovação, procedente do Espírito de Deus, nas gerações encarregadas da transmissão²⁹.

²⁶ Cf. RAHNER, K., *Cambio estructural en la Iglesia*, Cristiandad, Madrid, 1974, citado por VELASCO, J. M., loc. cit.

²⁷ Cf. PAGOLA, J. A., op. cit., p. 17.

²⁸ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 19.

²⁹ Ibid., p. 25.

Portanto, diante da tarefa de evangelizar, a mistagogia convida a uma revisão da própria experiência de encontro com o Mistério e a superação de uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização, por outra que tenha seu primado no seguimento de Jesus, na abertura para a ação do Espírito na vida pessoal e comunitária.

Enquanto pedagogia do Mistério, a dinâmica mistagógica torna-se inviável se não partirmos da presença originante do Mistério no interior de cada pessoa, a começar dos agentes de evangelização e da comunidade crente. Mistagogia é relação, relação delicada com o inefável que se faz presente e que dialoga com seus filhos e filhas. Para suscitar nos iniciantes esta abertura à graça de Deus presente na vida, é necessário um mergulho na espiritualidade fundante e fecundante de novas realidades.

4.1.1.2

A pedagogia do Mistério e a alteridade divina

Na dinâmica mistagógica, a evangelização consiste em ajudar a pessoa a prestar atenção à Presença de Deus na sua própria vida, no seu íntimo, como também nos sinais de Sua comunicação incessante no mundo, na Sua Palavra, na história, na natureza, nas comunidades, nas relações e nos acontecimentos. Enfim, estar aberto e atento à Presença originante e salvífica de Deus em toda a Criação, convidando a uma resposta afirmativa à vida e à superação dos obstáculos à sua realização plena.

Além de auxiliar a sensibilidade para essa abertura a autocomunicação divina, a mistagogia vai ajudar o iniciante a tomar consciência e também a responder ao amor de Deus, já presente no mais profundo de seu ser. Assim sendo, o centro da evangelização marcada pela mistagogia está em possibilitar uma experiência de reconhecimento e de encontro, de descobrimento e acolhida pessoal da graça de Deus que é Mistério que habita o coração, sustenta o próprio ser e o atrai até si³⁰.

A relação com Deus só é possível porque Ele toma a iniciativa de fazer-se diálogo, de fazer-se próximo. Deus é Outro que resiste a toda tentativa de

manipulação, em categorias ou imagens definitivas³¹. Estas podem apenas ser imagens evocadoras, mediações que revelam um pouco de seu rosto, sem que possam apreendê-Lo. Deus permanece mistério insondável, que nos faz desejar conhecê-Lo cada vez mais, como anuncia o Sirácida ou livro do Eclesiástico: “*Vinde a mim, vós que me desejais, e saciai-vos de meus frutos. Os que comem de mim terão ainda fome e os que bebem de mim ainda terão sede*”. (Sir 24,19-21) No entanto, é o Deus que vem a nós, que se autocomunica, que toma a iniciativa de nos falar e revelar Seu projeto de amor a cada um, e que é relação. Longe de apagar o desejo, a relação com Deus mantém a pessoa humana sempre aberta a esse impulso vital, por isso o encontro com Ele através da fé constitui libertação e realização da pessoa humana³².

O Deus dos cristãos é para o ser humano uma “boa notícia”, um Evangelho. Se apresenta como uma promessa para sua alma inquieta. Vem confirmar seu desejo e o liberta de suas contradições e de seu medo da morte, e mostra um caminho para chegar a ser plenamente humano. Dando sua fé a este Deus, o crente não renuncia à realização de seu ser, mas, sim, encontra-se a si mesmo³³.

Por isso, o projeto de evangelização que queira estar à altura do que transmite, precisa também ele estar centrado na mistagogia, no Mistério que o habita, o sustenta e orienta. A dimensão mistagógica já está presente na dinâmica da evangelização pela própria ação do Espírito. Importa que a experiência de fé dos agentes também trilhe este caminho. Será em decorrência dessa espiritualidade que prosseguiremos o mandato missionário de Jesus, assim como a herança deixada pela Igreja primitiva. Então poderemos falar em estrutura e planejamentos orientados pela mistagogia, pois não serão objetivos e mediações de nível teórico, mas interpenetrados por essa mística³⁴.

A alteridade divina convida à conscientização de que cada pessoa encontra-se em um estado de busca, de conversão, de caminhada. Nesta dinâmica, pessoa e comunidade buscam compreender e responder aos sinais de Deus em sua trajetória, estabelecendo momentos de conforto e alegria imensos., como outros de descontinuidade, de ruptura, de incertezas que os impele a retomar o caminho

³⁰ Cf. VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, op. cit., p. 86.

³¹ Cf. BINGEMER, M. C. L., A Sedução do Sagrado, in CALLIMAN, C., (org.), *A Sedução do Sagrado*, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81.

³² Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 191.

³³ *Ibid.*, p. 117.

dialógico com Deus. Dessa forma, a experiência mistagógica imprime à ação evangelizadora uma dinâmica que tanto vive momentos de encontro amoroso e aprazível, como também momentos de interpelações profundas e de novas escolhas³⁵. “Crer é fazer uma aposta na relação rumo ao sentido e ao futuro da aventura humana e da própria existência. É confiar na palavra de Jesus, que revela que Deus envolve a história em uma promessa. É arriscar-se a inscrever a vida na lógica dessa Revelação”³⁶.

Velasco compreende o processo de evangelização numa relação dialógica em que há a participação de três pólos, onde a presença de Deus é fonte e sedução:

Uma transmissão assim entendida constitui um caso claro de relação interpessoal que exige a personalização inteira do processo. Trata, em primeiro lugar, de uma comunicação triangular, a três pólos: os constituídos pelas pessoas que intervêm no processo, mais a relação prévia de ambas as pessoas com a Presença originante que ilumina e atrai tanto a pessoa que transmite como o destinatário da transmissão³⁷.

A compreensão da evangelização nestes termos coloca tanto os evangelizadores quanto os iniciantes como neófitos, no sentido de que estejam sempre abertos ao Mistério que se revela ao longo de suas vidas e renova suas escolhas e relações. Neste aspecto podemos perceber dois desdobramentos importantes na ação evangelizadora: a dimensão de humildade, de serviço e de diálogo de quem se sabe também neófito, também em processo diante da dinâmica da abertura da própria vida ao apelo divino; e a dimensão do testemunho, daquele que transmite o que é sua orientação mais profunda e determinante.

Abertos à dinâmica do Mistério, presença e interpelação em nós e na Criação, podemos descobrir, como santo Agostinho: “Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser!”³⁸.

Tendo registrado a dimensão dialógica da Revelação como fundamento da experiência mistagógica, vejamos como esta nos conduz à percepção do dinamismo também presente na fé cristã, tanto na vida pessoal como na vida comunitária.

³⁴ Cf. METTE, N., *Pedagogia da Religião*, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 265.

³⁵ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 42.

³⁶ Ibid., p. 125.

³⁷ VELASCO, J. M., op. cit., pp. 90-91.

4.1.1.3

A compreensão da fé como caminho

Apresentar a experiência de fé como dinâmica de abertura ao Mistério é compreendê-la como abertura ao inédito, ao imprevisível, ao desconhecido, como também enquanto um processo em que cada pessoa vai entrando em relação com o Mistério gradativamente e não de uma vez por todas, como uma passagem definitiva.

Essa espiritualidade mistagógica está presente em muitos místicos, como Agostinho, que descreve como sendo sete as etapas para que a caridade atinja a perfeição; em Teresa de Jesus que nos fala das sete moradas que atravessa a alma em busca da união com Deus; como também em João da Cruz, que nos fala do crescimento na fé como a subida de uma montanha³⁹. É uma espiritualidade do caminho, em que o crente avança por um caminho que outros já percorreram e descreveram no seu testemunho. Ao realizar a sua trajetória porém, cada um o faz de maneira pessoal, marcada pela própria interlocução com Deus.

É uma dinâmica que responde a muitas características próprias da subjetividade moderna. Entre elas estão o primado da experiência, o tema da liberdade, do respeito à identidade, à originalidade e à autonomia. Além disso, a perspectiva de caminhada supõe dinamismo, renovação incessante e criativa, que dialoga com o tempo, com a história, com novas relações e situações que a vida apresenta. Esta perspectiva abre a evangelização para compreender-se como processo e não como imposição, como proposta a ser compreendida, elaborada, interpretada e vivenciada com a marca da continuidade e também da originalidade.

Uma das primeiras expressões com que designavam os cristãos, já na primeira metade do século I foi a de “seguidores do Caminho” (At 9,2). Apresentar a fé cristã como um caminho significa reconhecer que ela imprime uma direção à vida e que esta é vivida enquanto um processo⁴⁰. Na evangelização, pode-se encontrar dificuldades frente à originalidade dos caminhos ou insistir na permanência em um determinado caminho já experimentado e avaliado como

³⁸ AGOSTINHO, *Confissões*, livro III, cap. 6, n. 11, in Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

³⁹ Cf. GIGUÈRE, P., op. cit., p. 42.

eficaz. Mas também deve-se recordar que os períodos de transição são muito importantes no crescimento espiritual, pois são tempos privilegiados de discernimento, condição central na vida cristã. A atenção de Jesus à vontade de Deus diante de cada situação, o zelo dos discípulos frente aos desafios apresentados pela missão, assim como o diálogo fecundo dos Padres da Igreja com seu tempo, auxiliam no sentido de fixar critérios de discernimento em momentos de dúvida. O que Jesus propõe no seu seguimento é que se busque a vontade de Deus: *“Não basta me dizer: Senhor, Senhor! Para entrar no Reino dos céus; é preciso fazer a vontade do meu Pai que está nos céus”*. (Mt 7,21) E por isso, o centro mesmo da oração que ensina aos discípulos diz: *“Pai, faze com que se realize a Tua vontade, na terra, à imagem do céu”*. (Mt 6,10)

A atenção à dinâmica mistagógica coloca não apenas o iniciante na perspectiva do “caminho”, mas todos os componentes da ação evangelizadora. A mistagogia é caminho espiritual que atinge a todos, é experiência na qual todos são iniciados por Deus, que é Mistério⁴¹. Por esse caráter, há um redimensionamento de atitudes e posturas, onde o centro do processo consiste na abertura à dinâmica do Espírito.

Uma abordagem puramente conceitual, que procure diagnosticar através da lógica a ação evangelizadora, perde sua razão de ser. A pretensão racional dá lugar à acolhida do Mistério na sua simplicidade, imprevisibilidade e desconcertos do cotidiano⁴². A lógica dá lugar à mística, ao processo mistagógico. Os critérios indispensáveis nesta espiritualidade serão aqueles que comunicarem o movimento constante e criativo da experiência do Deus cristão, como, por exemplo, os temas relacionados ao caminho, processo, diálogo, itinerário, trajetória, aprendizado. Enfim, o ponto de partida e a finalidade da evangelização atenta à mistagogia, procurará sempre discernir a caminhada humana e espiritual de encontro com o Deus vivo e na comunhão libertadora consigo mesmo, com os outros e com todo o universo⁴³.

Viver a fé como busca constante da vontade de Deus é também se colocar sempre em estado de evangelização, de ouvinte da Palavra, em processo de conversão, tanto para si como para a comunidade. O que chamamos de pedagogia

⁴⁰ Idem, p. 126.

⁴¹ Cf. VASQUEZ, U. M., op. cit., p. 7.

⁴² Cf. MAÇANEIRO, M., *Eros e Espiritualidade*, São Paulo: Paulus, 1997, pp. 32-33.

da fé é também a aprendizagem desse discernimento⁴⁴. E esse é um outro tema fundamental no diálogo que estabelecemos com a subjetividade moderna: a capacidade pessoal e comunitária de acolher, experimentar, interpretar, avaliar, escolher, assumir na própria vida o convite que a fé lhe faz.

4.1.1.4

O papel do testemunho na dinâmica mistagógica

No processo de evangelização estamos privilegiando uma relação de integração e de parceria entre o agente de evangelização e o iniciante e, em função desta relação, gostaríamos mais uma vez de ressaltar a importância do testemunho para a subjetividade moderna. Podemos dizer que esta rompeu com as grandes narrativas que apenas prometem um horizonte de plenitude no seu discurso, mas não com aquelas que apresentam a própria trajetória de vida, com seus desafios e possibilidades⁴⁵. Ao contrário das primeiras, essas são conteúdo vivo que não apenas anunciam, mas também convidam a participar da mesma experiência.

Sem dúvida, os testemunhos são fundamentais no processo de evangelização, como diz o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”⁴⁶.

A mistagogia privilegia o testemunho porque ele é o caminho mais coerente para o convite à fé. Como vimos no capítulo anterior, as narrativas da Sagrada Escritura são apresentadas como testemunho, e assim também o Símbolo Apostólico e as pregações dos catequistas. Também as comunidades testemunham a fé que professam e que orienta os seus catecúmenos.

Recordemos que a construção da subjetividade moderna se faz pela experiência e que a pretensão da razão instrumental de deter todo o conhecimento foi questionada por essa mesma subjetividade⁴⁷. O testemunho ganha, portanto, o

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 107.

⁴⁵ Cf. BENEDETTI, L. R., A experiência no lugar da crença, in ANJOS, M. F., *Experiência Religiosa: risco ou aventura?*, op. cit., p. 30.

⁴⁶ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, op. cit., n. 41.

⁴⁷ Cf. LIBANIO, J. B., *Eu creio, nós cremos*, op. cit., pp. 82-84.

lugar que valoriza a experiência tanto pessoal como comunitária. Experiência que não pode ser produzida instrumentalmente ou utilizada como ação estratégica. O testemunho não é uma atuação, mas compreensão de uma vida, que pode ser narrada, dialogada, identificada e, até mesmo, compartilhada.

A primazia do testemunho sobre a palavra está em que “o que se gasta de tanto dizê-lo resulta às vezes novo e surpreendente quando se faz”⁴⁸. Aquele que dá testemunho se coloca no mesmo campo da proposta que anuncia, se compromete e se responsabiliza, coloca a própria vida como garantia da fidelidade. Àquele que propõe, convoca a uma experiência real e cotidiana, a qual se empenha em acompanhar e orientar.

As orientações do Magistério da Igreja reforçam a importância do testemunho na evangelização:

Não basta falar de Deus. É necessário testemunhá-lo por uma vida de santidade encarnada em nossos dias. O testemunho de vida é a primeira e insubstituível forma de missão. Em nosso tempo, muitas são as testemunhas coerentes e perseverantes na fé e no amor a Cristo até mesmo com o sacrifício da própria vida⁴⁹.

Ao testemunhar, o apelo que alcança o ouvinte torna-se, na verdade, mediação do convite que parte de Deus. Quem testemunha o faz “em nome de”, atravessado na experiência pessoal pela graça divina. O testemunho vem retomar a dinâmica da alteridade, por ser uma ação dialógica, iniciada por Deus, e acolhida, vivida e interpretada por duas pessoas: quem dá testemunho e quem o recebe. Testemunhar é reconhecer a autodeterminação e a capacidade de compreensão e interpretação do outro. O outro não é um objeto que recebe uma verdade, mas uma pessoa que, em sua decisão, em sua escolha, é fundamentalmente livre⁵⁰.

Além disso, é importante lembrar que o testemunho é um ato de comunicação e, como tal, exige que ambos os parceiros refiram-se a uma realidade comum, que compreendam a mensagem transmitida. No campo da

⁴⁸ VELASCO, J. M., op. cit., p. 104.

⁴⁹ CNBB, *Diretrizes Gerais para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, op. cit., n. 14.

⁵⁰ Cf. METTE, N., op. cit., p. 234.

evangelização, significa que a realidade da Revelação seja conhecida e que o processo de compreensão aproxime testemunha e destinatário⁵¹.

Segundo a fé cristã, essa comunicação corresponde exatamente à relação de Deus conosco, na medida em que participa a Si mesmo, revela-Se a cada filho e filha, testemunha em cada gesto tudo que é e nos convida a entrar em comunhão com Sua misteriosa e sedutora realidade. “O mistério da Alteridade lhes propõe a profunda comunhão na gratuidade. O amor passa, então, a governar suas vidas e a transformá-las segundo a inexorabilidade e a radicalidade de Sua vontade”⁵².

Nossa fé é fundada no testemunho divino e não na evidência ou no puro emocional. A mistagogia consiste precisamente em aceitar esse testemunho divino no interior do coração como fundamento último da fé, como eixo orientador da própria vida, como lei interior e encontro pleno⁵³.

Quem testemunha narra uma relação, relação essa iniciada por Deus. No ato de testemunhar “realiza o reconhecimento de Deus como Deus, não anuncia a si próprio mas o descentramento absoluto, a Transcendência que caracteriza a atitude daquele que crê”⁵⁴. Dessa forma, o testemunho se torna convite, proposta e não imposição ou transmissão teórica. “A eficácia do testemunho reside em que reflita o absoluto de Deus como não poderia refleti-lo nenhuma outra realidade humana”⁵⁵.

O que sucede é a descoberta de um Deus que é Presença ontem, hoje e sempre, e Presença dialogante com o homem e a mulher no seu tempo e lugar, com a comunidade humana. Quem entra em contato com este Deus torna-se intérprete da Palavra que renova a própria vida e dialoga com os diversos testemunhos que atravessaram a história. Sabe-se participante do projeto salvífico e convidado a dar continuidade e com ele colaborar. Como já vimos, a mistagogia está fundada nesta dinâmica relacional e, em decorrência desta intercomunicação, suscita uma circularidade hermenêutica que abre o processo de evangelização a novas e possíveis circularidades interpretativas⁵⁶.

⁵¹ Ibid.

⁵² BINGEMER, M. C. L., *A sedução do Sagrado*, op. cit., p. 83.

⁵³ Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., pp. 219-220.

⁵⁴ VELASCO, J. M., op. cit., p. 98.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Cf. FORTE, B., op. cit., p. 172.

Quem conheceu a Palavra e por ela se deixou possuir, torna-se por sua vez testemunha, expressa-a em gestos e palavras que estabelecem novos pontos de transmissão do conhecimento e da vida. Ele é transformado de tal sorte que fala e age como aquele que tem no coração o Eterno: a testemunha reenvia certamente ao “lugar” e aos “lugares” em que encontrou a Palavra, mas se torna também, de certo modo, ele próprio habitação do Eterno⁵⁷.

O anúncio querigmático ressoa na história, é transmissão viva da Revelação: *“E como o invocariam sem terem crido nele? E como creriam nele, sem o terem ouvido? E como o ouviriam, se ninguém o proclama? E como proclamá-lo, sem ser enviado?”* (Rm 10,14). Entrando em sintonia mistagógica, a adesão é abertura à comunicação de Deus que antecede a decisão pessoal e que a aguarda amorosamente. A autonomia da pessoa e sua experiência pessoal são respeitadas, e esta é convidada a participar de uma fé que é companhia, que é presença no decorrer dos tempos e na confissão do povo peregrino.

Diante de um mundo onde crescem as formas de comunicação de massa de toda espécie, com os mais variados apelos e discursos, muitas vezes contraditórios, torna-se uma reação saudável o trabalho de crítica diante de tantos mestres. Neste contexto, “o evangelizador hoje deve ser, antes de mais nada, testemunha mais do que mestre”⁵⁸.

Após essas considerações a respeito do papel fundamental do testemunho na experiência mistagógica, torna-se possível repensar, em parceria com o catecumenato primitivo dos séculos III e IV, a concepção de transmissão da fé que perpassa nossa prática evangelizadora.

4.1.1.5

A concepção de transmissão da fé

Pensar a ação evangelizadora como processo que envolve a todos, agentes e iniciantes, tanto da dinâmica de abertura ao Mistério que se revela, quanto no sentido de tornarmo-nos testemunhas dessa experiência, faz-nos trazer mais uma questão para a evangelização atual que consiste na forma de compreendermos a transmissão da fé.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ CNBB, op. cit., n. 117.

A dinâmica mistagógica não compreende a transmissão como mera passagem de conteúdos e de conhecimentos elaborados por uma determinada comunidade, em um determinado momento histórico. Se pensada nesse sentido, teríamos uma experiência estática, como se fosse apenas reprodutora de fórmulas e conteúdos, o que não poderia configurar uma adesão vital, mas sim intelectual. Ora, o Evangelho não é nem de longe um conjunto de saberes de ordem intelectual a serem apreendidos formalmente⁵⁹. É o encontro com o próprio Deus que se revela, encontro vital que atinge a pessoalidade de cada um e que com ele estabelece uma relação dialógica⁶⁰. Os Padres da Igreja estruturaram o catecumenato imbuídos dessa orientação fundamental.

Ao olharmos para a evangelização atual nos defrontamos com diferentes concepções da ação evangelizadora. Vejamos um exemplo: é possível que queiramos transmitir não o Cristianismo, mas o Cristianismo tal como vivemos e pensamos, ou tal como viveram e pensaram as gerações que nos precederam⁶¹. Essa forma de transmissão é bem diferente da que aprendemos com as fontes da mistagogia. O conteúdo da fé cristã não é um depósito de verdades, normas e costumes, que podemos transmitir com algumas adaptações a novas condições de vida, e sim a vida, a abertura da pessoa e da comunidade ao diálogo com um Deus que é relação⁶².

A mistagogia chama a nossa atenção para os princípios teológicos da dinâmica da Revelação e da fé, e nos leva a considerar o que pode ser feito para desencadear e viabilizar esse processo, iniciado por Deus desde a Criação.

O homem é o ser criado como ouvinte da Palavra. Na resposta à Palavra, ele é elevado à sua própria dignidade, porque em seu íntimo está dialogicamente assinalado. Sua inteligência está dotada com uma luz própria exatamente adequada para o que necessita, para escutar a Deus que lhe fala. Sua vontade é tão superior a todos os instintos e tão aberta a todos os bens como para seguir sem coações os atrativos do bem mais beatificante. O homem é um ser com um Mistério em seu coração que é maior que ele mesmo⁶³.

⁵⁹ Cf. CASTIÑEIRA, Á., op. cit., p. 154; GALILEA, S., op. cit., pp. 33-34.

⁶⁰ Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., pp. 227-228.

⁶¹ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., pp. 25-26.

⁶² Cf. PIÉDAGNEL, A., op. cit., p. 16; Cf. GONZÁLEZ FAUS, J.I., op. cit., p. 54

⁶³ VON BALTHASAR, H. U., *La oración contemplativa*, Encuentro: Madrid., 1985, p. 16, citado por VELASCO, J. M., op. cit., p. 91.

É uma experiência que nos orienta ao diálogo fecundo entre as interpelações que se apresentam e os sinais da ação salvífica e, a partir desta atitude, ajudarmos eficazmente cada pessoa a eliminar os obstáculos que podem impedir o Mistério de aflorar à sua consciência, ou que dificultem sua vontade e liberdade de aceitar a presença de Deus que vem a si⁶⁴. A postura mistagógica percebe a transmissão da fé como discernimento do processo pessoal de acolhida do Mistério, e orientação a fim de que essa caminhada atinja seu fim verdadeiro: o encontro com Deus.

A mistagogia compreende a fé como uma relação de intercomunicação entre a dimensão objetiva a ser transmitida e a dimensão subjetiva que experimenta e dialoga com o anúncio. A fé não é apenas uma experiência interior, pois abriga uma dimensão objetiva, possui uma história e uma tradição, princípios teológicos e doutrinários, experiências e orientações para a comunidade eclesial. Não é reinventada por cada geração e por cada pessoa. Tem uma data anterior comum, que é a mesma, independente do país, da cultura, do momento histórico com o qual dialoga⁶⁵. No entanto, a fé também possui uma dimensão subjetiva que entra em relação com seu caráter mais estável e estabelece entre ambos uma realidade dinâmica, capaz de transformar, tanto no plano de sua compreensão e de sua expressão como no que se refere ao seu caráter de experiência subjetiva⁶⁶.

Compreender a transmissão da fé nessa dinâmica redimensiona os papéis e as ações geradoras da evangelização. O anúncio querigmático e os princípios da fé cristã são, em primeiro lugar, propostos, sem nenhuma tentativa de imposição. Estes são tomados como convites, como oferecimento. Um oferecimento que transmite vida, experiência, testemunho e, ao mesmo tempo, a alegria da convocação e da comunhão com Deus. Nem de longe é uma proposta que defenda uma atitude de indiferença, de missão cumprida que não se envolva e não se interesse pela resposta que essa interpelação venha a receber⁶⁷.

Como vimos na experiência mistagógica, para dar conta desta intercomunicação entre as dimensões objetiva e subjetiva da fé, é fundamental conhecer a realidade dos destinatários, “suas particularidades: sua história, sua biografia, sua cultura, com tudo o que esta comporta em relação com sua

⁶⁴ Cf. VELASCO, J. M., loc. cit.

⁶⁵ Cf. GIGUÈRE, P., op. cit., p. 36.

⁶⁶ Ibid.

mentalidade, sua forma de pensar e sentir, sua capacidade afetiva e os valores que orientam sua vida”⁶⁸.

Sob essa mesma orientação, a mistagogia organizou o catecumenato em etapas, respeitando as diversas realidades e a dinâmica da fé enquanto um processo de conversão, como também hierarquizando os elementos da mensagem cristã e as mediações que poderiam viabilizar e proporcionar a experiência de fé⁶⁹.

É uma compreensão que percebe a evangelização como um processo, e, por isso mesmo, sempre inacabado, lento, pois é abertura ao outro e ao Mistério que se revela incessantemente na história e na vida de cada pessoa e comunidade. É também uma tarefa que os agentes de evangelização e a comunidade precisam assumir numa atitude mistagógica, que comporta humildade e tolerância, diálogo permanente e revisão de atividades, acompanhamento de todos nas suas diferentes situações e espiritualidade renovada.

O diálogo permanente com as pessoas e entre toda a comunidade permitirá que aflorem as diversas experiências e percepções, a pluralidade proveniente da originalidade. Enquanto ocorre esse acompanhamento mútuo, a dinâmica de alteridade configura o enriquecimento entre os interlocutores, o acolhimento da riqueza das diferenças e a descoberta de novos caminhos a partir das experiências partilhadas⁷⁰.

Este tema nos lança em mais uma vertente dessa rica experiência, que consiste no diálogo que se estabelece entre Deus e cada pessoa e entre todos, diálogo marcado pela liberdade e pela alteridade.

4.1.1.6

Um encontro de liberdades

Ao compreender a pessoa humana criada na liberdade e para ela, a fé cristã fundamenta a ação evangelizadora como um diálogo onde essas liberdades se dão, diálogo entre Deus e seus filhos e filhas, diálogo entre os irmãos, diálogo entre estes e o mundo em que se situam, diálogo entre cada um e a Tradição que os

⁶⁷ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 108.

⁶⁸ VELASCO, J. M., op. cit., p. 112.

⁶⁹ Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

⁷⁰ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 136.

precedeu. Enfim, a evangelização é vista como ação aberta ao movimento livre de Deus e possibilitadora de respostas livres da parte daqueles que participam do processo⁷¹.

Desta concepção decorre que, numa compreensão mistagógica da transmissão da fé, não há polaridade entre sujeitos ativos e sujeitos passivos⁷², mas uma relação dinâmica e renovadora de todos e de cada um. Os agentes de evangelização, os destinatários, a comunidade local, a Igreja e a sociedade, todos participam deste anúncio que sempre convida, interpela, renova, auxilia a olhar e a agir em cada tempo e lugar. O anúncio querigmático é dinâmico, vivo, restaurador, uma tarefa hermenêutica realizada a muitas mãos e muitas vidas. E, fundamentalmente, é anúncio que parte da iniciativa do Espírito de Deus que atua em todos os ângulos dessa dinâmica relacional e convida à resposta que se traduz em vida nova.

A dinâmica mistagógica reúne decisão, comunhão e participação. Por isso mesmo, no diálogo com a subjetividade moderna, esta experiência de evangelização torna-se fecunda e capaz de congregar sujeitos ativos e responsáveis frente à proposta da Revelação⁷³. A fé cristã é resposta dada por homens e mulheres, do fundo de seu coração e com toda a sua vida, a uma proposta que lhes é feita em Jesus Cristo e por ele, com relação a Deus, a eles mesmos e ao mundo. É resposta a um convite: “*Segue-me*”(Mc 2,14; 10,21); “*Se queres...*” (Mt 19,21); “*Vinde e vereis*” (Jo 1,39); “*Se alguém quer vir em meu seguimento...*” (Mc 8,34). A Revelação é um convite à liberdade. Sem dúvida, o ato de fé possui um caráter livre e pessoal, pertence à ordem da resposta, evoca consciência e compromisso, experiência e conversão, revisão de vida e novas escolhas.

Eu creio é uma resposta livre a uma proposta de Deus. Deus criou o homem em liberdade e respeita-lhe esta prerrogativa no diálogo que estabelece com ele. Se tanto a liberdade divina como a humana são envolvidas por um mistério, o ato de fé só pode ser entendido como resposta livre⁷⁴.

⁷¹ CNBB, op. cit., n. 94.

⁷² Cf. VELASCO, J. M., op. cit., 2002, p. 26.

⁷³ Sobre o tema da decisão na subjetividade moderna ver LIBANIO, J. B., *Eu creio, nós cremos*, op. cit., pp. 43-60.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 191.

A profissão de fé, teologia firmada na trajetória da comunidade cristã, é assumida como continuidade e compromisso, como testemunho e resposta pessoal, pois é formulada em primeira pessoa: “Creio em Deus... e em Jesus Cristo... Creio no Espírito Santo...”⁷⁵. Ninguém pode crer pelo outro. Ninguém pode se comprometer no lugar do outro. Mesmo em sua dimensão comunitária, a resposta da fé nunca poderá suprir a decisão pessoal. “Para o cristianismo, crer não consiste em aceitar uma doutrina religiosa, uma determinada forma de representar a Deus e a relação com ele, mas aceitar o convite a compartilhar uma vida, a entrar em uma nova relação”⁷⁶.

Algumas vezes a condição de liberdade no ato de fé pode assustar, porque compromete e, ao exercê-la, entra-se em contato com toda uma riqueza e também com todas as limitações do tornar-se pessoa e aprender a viver em comunidade, na dinâmica das relações fundamentais. Contudo, não há outro caminho para o ato de fé. Ele é constituído pela aceitação livre, pela decisão pessoal e mais do que fixado em um momento de adesão, é resposta a cada situação, necessitando ser abraçada e renovada incessantemente⁷⁷. Por isso mesmo, a resposta da fé é uma orientação existencial, um compromisso que requer movimento, discernimento, riscos e também equívocos⁷⁸. É o caminho mistagógico, um caminho que conduz à maturidade da fé e das relações fundamentais da pessoa humana. E tudo isto começa com o consentimento livre, com uma experiência interior.

Não cabem nessa dinâmica estados de dependência ou de submissão, de acomodação ou de repetição mecânica. Estes sinalizam, ao contrário, a ausência de uma fé amadurecida no compromisso pessoal. Uma das tarefas mais importantes dos responsáveis pelo processo de evangelização consiste em facilitar aos membros da comunidade o acesso a esse discernimento e tomada de consciência, ao mesmo tempo que participam na mesma dinâmica que possibilitam⁷⁹. Pede-se, portanto, uma ação evangelizadora que se baseie na pedagogia da fé, que favoreça a experiência e a educação da consciência, de uma espiritualidade dinâmica e de liberdade interior.

⁷⁵ Cf. DENZINGER, E., op. cit., p. 6

⁷⁶ GIGUÉRE, P., op. cit., p. 122.

⁷⁷ Cf. ANTONIAZZI, A., op. cit., 263.

⁷⁸ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 120.

⁷⁹ Ibid., p. 184.

Como consequência dessa participação de cada pessoa no processo de evangelização é natural que se considere todas as dimensões presentes em sua estrutura, e não apenas as que estão relacionadas com os orientadores. Planejamento, seleção de instrumentos e mediações, adequação de linguagem e de conteúdos, acompanhamento e participação na comunidade, tudo passa a ser construído a partir e juntamente com os iniciantes. Com isso, entra em foco, a dimensão interativa do processo de evangelização⁸⁰. Não estamos sublinhando uma atitude assistencial, mas que advenha da consciência real de que todos são sujeitos ativos no processo, de que a mistagogia nasce na experiência dialógica de cada pessoa com Deus, de que a personalidade, a mentalidade, a sensibilidade dos destinatários é condição para a experiência de fé cristã⁸¹. Mais. A participação dos iniciantes no processo de transmissão e de formação na fé coloca esta estrutura em constante revisão e reconstrução, de acordo com a realidade que se apresenta e com as novas interpelações.

Afirmar a participação ativa de todos no processo de evangelização é respeitar o princípio dialógico onde é a alteridade que orienta as relações. É afirmar a legitimidade da diferença, sua riqueza e fecundidade, sem, contudo, abrir mão da identidade e dos referenciais que servem de base e orientação a este diálogo. O reconhecimento da originalidade presente em cada pessoa abre espaço para a busca espiritual, para a valorização do próprio processo de crescimento e amadurecimento na fé e, em consequência, torna-se natural e desejável a abertura, o respeito e a simpatia às outras pessoas, num desejo de construção de uma verdadeira comunhão com elas⁸².

Após tratarmos da dimensão interativa da evangelização, a partir da compreensão de que participa-se de um encontro de liberdades, torna-se necessária a reflexão sobre o tema das comunidades, células vivas da Igreja, espaços fecundos na experiência da fé cristã.

4.1.1.7

Comunidades de vida

⁸⁰ Cf. METTE, N., op. cit., p. 229.

⁸¹ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 26.

⁸² Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., pp. 31-32.

E como falar de anúncio, de testemunho, de transmissão da fé e de alteridade sem tocarmos em mais um dos temas fundamentais para o Cristianismo: a comunidade? É verdade que a subjetividade moderna entrou em crise com as instituições e com os discursos e orientações que delas advêm. Então, como tratar de uma realidade tão presente e fundamental no Cristianismo se encontramos posturas céticas e resistentes nas gerações com as quais trabalhamos? Por outro lado, será que temos comunidades verdadeiras para apresentar àqueles que aderem à proposta cristã?⁸³

A Igreja, enquanto instituição, também foi atingida pelo fenômeno de desvalorização da tradição e das instituições na sociedade moderna. Ampliando esta chave de leitura encontramos tal crise atingindo os sistemas globais de sentido e a perda das estruturas imaginárias de continuidade, ligadas à estabilidade da pertença familiar, local, cultural e histórica. Vive-se uma ruptura do pensamento linear e de continuidade, que inscrevia as pessoas e os grupos em um universo de sentido ligado às comunidades de pertença⁸⁴.

Por outro lado, crescem as relações baseadas em vínculos interpessoais sólidos e duradouros e não apenas funcionais⁸⁵. São essas relações que produzem as experiências pessoais de construção de identidade porque têm por base o diálogo, a liberdade e a alteridade, valores prezados pela subjetividade moderna. Construir esses vínculos comunitários é desafio e condição para que a experiência de fé encontre campo fecundo para a sementeira e para que se estruture.

Apenas grupos vitais constituem o meio para que surjam e se desenvolvam tais relações. Esses grupos são justamente as comunidades: sua situação estrutural na intersecção da esfera privada e pública as converte em lugar social privilegiado, em meio por excelência para a transmissão do Cristianismo como forma de vida e sistema de valores às gerações futuras⁸⁶.

Seguindo a inspiração fontal que a experiência mistagógica do catecumenato primitivo nos deixa, verificamos que a relação comunitária é indispensável. Ela possibilita não apenas o estabelecimento de vínculos afetivos e

⁸³ A crise da transmissão da fé também está relacionada com a crise das comunidades, com o individualismo moderno, com a ausência de testemunhos de conversão e apostolado, capazes de mostrar ao mundo a Boa Nova do Cristianismo com renovado ardor. Cf. METTE, N., op. cit., p. 231; GONZÁLEZ-CARVAJAL, L.G., *Evangelizar en un mundo postcristiano*, op. cit., pp. 137-139; MIRANDA, M. F., Um homem perplexo, op. cit., pp. 22-25.

⁸⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 42.

⁸⁵ Sobre esta questão ver LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade*, São Paulo: Loyola, 2001, pp. 157-164.

de amadurecimento no diálogo, mas também a interpretação das situações à luz da Palavra, as vivências celebrativas e sacramentais, o alimento e o dinamismo da fé⁸⁷.

A comunidade cristã tem por fundamento teológico a Revelação de um Deus que é Trindade, que é relação dialógica. Entrar no processo de abertura à Revelação é crer numa atmosfera de relação vital consigo mesmo, com as pessoas, com o mundo e com Deus. Em conformidade com a palavra do Magistério da Igreja, afirmamos que a fé é um caminhar pessoal, mas também consideramos que ela é construída e amadurecida na vida comunitária⁸⁸. “Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, em nome de Jesus, para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora”⁸⁹.

Em resposta ao questionamento que a subjetividade moderna impõe à tradição, a mistagogia se defronta com uma transmissão da tradição religiosa que experimenta esta passagem como processo em que a pessoa recebe a herança, a assume e a torna sua para, apropriada deste legado de forma pessoal e normativa, passar a transmiti-lo nas suas relações⁹⁰. Este processo comporta por um lado, o lugar da comunidade na vida pessoal e, por outro, a apropriação pessoal do que é transmitido. Enfim, estabelece uma relação fecunda entre pessoa e tradição, comportando a consciência, a interpretação e a valorização da Tradição⁹¹. Dessa forma, a Revelação se realiza enquanto herança e responsabilidade de cada pessoa que se abre ao seu Mistério. Ao experimentar esse processo como apropriação pessoal, a Revelação é aceita livremente, torna-se resposta na vida e processo sistemático de adesão a partir das novas escolhas e orientações que vão sendo efetivadas⁹².

Já apresentamos que todo esse processo é vivenciado no interior das comunidades que se colocam na trajetória do projeto de Deus para a humanidade. Por outro lado, gera-se aí um novo conjunto de experiências, idéias,

⁸⁶ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 57.

⁸⁷ Cf. LIBANIO, J. B., *Eu creio, nós cremos*, op. cit., pp. 307-308

⁸⁸ CNBB, op. cit., n. 15, p. 16.

⁸⁹ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, op. cit., n. 13.

⁹⁰ Cf. FORTE, B., op. cit., pp. 62-64.

⁹¹ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 29.

⁹² Cf. GALILEA, S., op. cit., p. 24.

comportamentos e grupos humanos específicos que, com o passar do tempo, constituem uma nova linguagem diante da Tradição e que é igualmente transmitida, de geração em geração⁹³.

Nesta dinâmica toda a comunidade evangeliza e é evangelizada, reunida em torno dos testemunhos da Tradição e criadora de novos testemunhos de fé. Esta experiência de comunidade eclesial renova os laços de fraternidade e de comunhão, torna-se testemunho para o mundo de uma reflexão amadurecida e de serviço ao projeto que responde em atitudes concretas⁹⁴. A evangelização “alimenta-se do ‘senso da fé’ que o Espírito Santo derrama no coração de todos os batizados, e da sua linguagem, do seu dizer as maravilhas do Senhor, aprende, por sua vez, a falar de Deus”⁹⁵.

Velasco recorda a proposição do Concílio Vaticano II sobre a ação eclesial e o lugar da comunidade enquanto testemunho cristão no mundo

O Concílio Vaticano II nos ajudou a tomar consciência de que o sujeito, quando se fala de Igreja e suas ações e, portanto, da transmissão, é a Igreja inteira, toda ela povo de Deus. Isso comporta que o peso na realização da transmissão deveria passar, da Igreja em geral, com frequência identificada com a hierarquia, às comunidades vivas, às fraternidades em que estas existem e das quais constam as Igrejas particulares, de cuja comunhão se constitui a Igreja universal. A transmissão da vida cristã não se efetua tanto por proposição oficial de enunciados de fé, dogmas, princípios e normas, quanto pela possibilidade real de uma identificação prática com pessoas e grupos em que se têm feito realidade viva – e, assim, oferta de sentido vital para outros – aspectos fundamentais dessa “forma de vida” em que consiste o cristianismo⁹⁶.

A comunidade é o lugar onde se deve tornar realidade a experiência cristã, a vivência do amor fraterno, a transmissão da Tradição enquanto sentido e atualização frente às interpelações que a vida propõe, e enquanto esperança escatológica da realização plena da Criação, segundo o projeto salvífico. “*Que o vosso amor seja rico ainda, e cada vez mais, em clarividência e plena percepção para discernir o que melhor convém*”. (Fl 1,9)

Se hoje muitos não encontram a comunidade de vida cristã que lhes oportuniza uma experiência de fé mistagógica, onde se dê um conhecimento mais profundo do Mistério, juntamente com um autêntico conhecimento mútuo e laços

⁹³ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 30.

⁹⁴ Cf. FORTE, B., op. cit., p. 60.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ VELASCO, J. M., op. cit., p. 78.

de fraternidade concretos, cabe-nos rever a caminhada de nossas comunidades e resgatar esse processo fundamental. Elas são chamadas a ser contextos vitais, pois sua vocação é fazer a experiência concreta do amor que lhe é revelado e, assim, transformar as condições de vida em direção a um mundo mais humano e à espera do advento do Reino definitivo⁹⁷. “Uma comunidade crente pode, com os relatos fundantes de sua fé, com sua forma alegre e esperançosa de viver, com a manifestação do amor que inspira sua vida, ajudar a dar nome e, dessa forma, identificar a Presença até esse momento apenas pressentida por essas pessoas”⁹⁸.

Dessa forma, retornamos ao tema do testemunho que se torna anúncio da Boa Nova no mundo. A comunidade de vida testemunha ao mundo o amor fraterno, as obras de serviço, a capacidade de aceitar e dialogar nas diferenças, o crescimento na alteridade, os sinais da presença de Deus e de Seu amor que movem ao seguimento de Jesus Cristo⁹⁹.

Ainda trabalhando sobre o tema da comunidade e da experiência mistagógica no seio desta, nos deteremos no aspecto da comunicação e da interpretação interativa presente nesta relação: a circularidade hermenêutica.

4.1.1.8

A circularidade hermenêutica

Tendo trazido os aspectos relacionados com a experiência de comunidade marcante e imprescindível na fé cristã, poderíamos nos perguntar onde se colocam as fontes do Cristianismo – a Palavra de Deus, a Tradição, o Magistério eclesial? Os Padres da Igreja fundamentaram o catecumenato primitivo nas fontes. Os princípios teológicos que orientaram a estrutura e os conteúdos encontram suas bases na História da Salvação e na teologia firmada no Símbolo Apostólico. Vejamos como, na dinâmica relacional das comunidades cristãs, as fontes do Cristianismo são acolhidas, redescobertas e transmitidas, suscitando a abertura do processo de evangelização a novas circularidades interpretativas¹⁰⁰.

⁹⁷ Cf. PAGOLA, J. A., op. cit., pp. 52-53.

⁹⁸ VELASCO, J. M., op. cit., pp. 105-106.

⁹⁹ CNBB, op. cit., n. 99.

¹⁰⁰ Cf. FORTE, B., op. cit., p. 172.

Ao trabalharmos o tema da decisão e da participação na evangelização, partimos da própria dinâmica da Revelação, da iniciativa salvífica e da liberdade humana em suas respostas ao oferecimento de Deus. Assim sendo, de Deus recebemos a graça salvífica, revelada na experiência de um povo que se abriu a esta dinâmica e se configurou a partir da Palavra, normativa para todos os tempos. Da Igreja recebemos a fé vivida, interpretada, transmitida, obra do Espírito que age na história e na vida das comunidades¹⁰¹. A missão de evangelizar supõe compartilhar com o outro a riqueza de toda esta dinâmica, mas também possibilitar a ele a resposta pessoal e processual, “porque a palavra de fé deve ser a sua e não uma pura reprodução de outra palavra qualquer. Porém, essa palavra que é sua, será palavra de fé como uma maneira inédita de dizer a única fé da Igreja”¹⁰².

A esse movimento de interpretação que considera tanto as fontes como a sua releitura da comunidade diante da realidade, num processo de interlocução desta com a Palavra, a Tradição e o Magistério, é que chamamos circularidade hermenêutica¹⁰³. A mistagogia dá conta dessa circularidade na experiência da fé cristã, onde cada parte da estrutura da evangelização tem sua especificidade e também uma comunicação vital com as demais partes. Assim sendo, cada parte da estrutura participa do todo e o configura incessantemente, num processo dinâmico e harmônico. Harmonia que brota da relação dialógica e do respeito a cada dimensão da ação evangelizadora.

E aqui encontram-se mais alguns pontos de contacto fundamentais com a subjetividade moderna: a abertura para a relação dialógica, fruto da percepção da pessoa e do mundo como uma rede de relações e enquanto superação do individualismo radical; a compreensão de pessoa e de suas diversas dimensões como novo projeto, em confronto com a visão fragmentada e dualista de ser humano; a cooperação e alteridade em lugar da competição e da especialidade. A História da Salvação e a Tradição são transmitidos não como doutrinas estagnadas, mas como experiências de vida, “comportando assimilação, reinterpretção, como também momentos de ruptura, tão importantes como os de

¹⁰¹ Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., p. 249.

¹⁰² VELASCO, J. M., op. cit., p. 34.

¹⁰³ Cf. FORTE, B., loc. cit.

continuidade, exigidos pela situação necessariamente diferente das sucessivas gerações que intervêm no processo”¹⁰⁴.

Essa circularidade está presente na trajetória do Cristianismo desde as primeiras comunidades. Por exemplo, a explicitação da experiência inicial consignada na Bíblia vem sendo elaborada à medida que os cristãos avançam na sua compreensão, releitura e hermenêutica. Um outro exemplo é a profissão de fé. A fé da Igreja na Trindade ou na divindade de Cristo não conheceu sua formulação até que as comunidades cristãs, em diálogo com seu tempo, buscaram sua fundamentação teológica¹⁰⁵.

A Memória e a Tradição retomam os eventos, sinais e palavras da Revelação não como distantes, mas nutridos pela vida e na história das pessoas, possibilitando a sua interpretação e o contato com uma linguagem que encontra sua origem no coração humano e o interpela a novas respostas e caminhos. É a Revelação na sua dinâmica de diálogo e atualização constante¹⁰⁶. Na mistagogia, a memória não se reduz às narrativas do passado ou mesmo a um credo a ser reproduzido sem mais. Ao contrário, é fecundante de vida, é “habitada pelo presente e nele residindo com as suas provocações e os seus tesouros, é terreno de profecia, caminho do futuro”¹⁰⁷.

B. Forte usa o termo “companhia”, para designar este circuito de comunicação e solidariedade da fé, que caminha de “testemunho em testemunho”, que “ressoa desde as primeiras comunidades, no decorrer dos tempos e na confissão atual do povo de Deus”, que “ao mesmo tempo que é comunhão, é suscitada e expressada pelo testemunho dos que servem”¹⁰⁸.

Trata-se de uma experiência que conta com a Memória e Tradição como sinal de companhia solidária na fé, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente, considerando as próprias experiências e questões, o contexto vital, a comunidade interpretante, como também reconhecendo os limites, a relatividade das mediações e as limitações do processo de interpretação¹⁰⁹. Enfim, estabelece-

¹⁰⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 32.

¹⁰⁵ Cf. ZILLES, U., *Jesus Cristo. Quem é este?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, pp. 265, 286-288; GIGUÈRE, P., op. cit., p. 37.

¹⁰⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Documentos do Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*, n. 8, Petrópolis: Vozes, 1966.

¹⁰⁷ Cf. FORTE, B., op. cit., p. 71.

¹⁰⁸ Ibid, p. 60.

¹⁰⁹ Idem, p. 171.

se um diálogo que reverencia a experiência fontal e ainda inspira e orienta as situações presentes.

A tarefa hermenêutica é como um trabalho de tradução. Ela coloca para a comunidade a questão de como viver e expressar em cada momento as categorias que fundamentam sua fé, como seguir hoje a Boa Nova de Jesus Cristo e anunciá-la de forma compreensível e que faça sentido para nosso mundo.

Os Padres da Igreja, em sua sabedoria fontal e sinal da abertura ao Espírito, conseguiam conjugar todos esses fatores na experiência catecumenal, sendo responsáveis pela formação de cristãos firmes na fé e em um processo de abertura e de conversão que se traduzia na vida pessoal e no alimento que constitui a vida comunitária.

Com tantos referenciais, nos perguntamos pelos meios e instrumentos que a experiência mistagógica privilegiava na estrutura catecumenal. Para efeitos didáticos podemos separar a compreensão da fé das mediações que servem à evangelização. Contudo, também aqui estamos diante de temas distintos, mas inseparáveis, pois não há como separar a missão de evangelizar das formas, da linguagem, das suas expressões, celebrações, ritos, símbolos, enfim, das mediações que auxiliam esta comunicação.

4.1.1.9

O papel das mediações

No processo da Revelação vamos descobrindo as mediações das quais Deus se serve para se comunicar com seus filhos e filhas. Deus atua servindo-se de mediações, exercitando o dinamismo que Ele mesmo inscreve na natureza e no coração de cada pessoa, como uma promessa. Em cada mediação Deus está falando, reconfortando, interpelando, surpreendendo, enviando, libertando, sejam pessoas, símbolos, sinais presentes na natureza e nos acontecimentos do mundo, nas comunidades, e de forma única na sua Palavra¹¹⁰.

¹¹⁰ Cf. POWER, D. N., A experiência de Deus na liturgia cristã, in JEANROND, W. e THEOBALD, C. et al., *Deus: experiência e mistério*, Concilium 289, 2001/1, Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 11-12.

No catecumenato primitivo, colocar os iniciantes em contato com os *mirabilia Dei*, os sinais da presença e Revelação de Deus operados e atualizados ao longo de toda a Revelação bíblica, era matéria prima na evangelização¹¹¹.

As orientações da Igreja no Brasil, seguindo a exortação do Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, e assumida por ocasião da Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo, chamam a nossa atenção para as exigências de uma nova evangelização, com “novo ardor, novos métodos, novas expressões e, sobretudo, uma espiritualidade que torne a Igreja cada vez mais missionária”¹¹².

Nesse mesmo curso se inscrevem as mediações presentes no processo de evangelização. Elas são instrumentos que se propõem viabilizar a mistagogia, a experiência do Mistério, a abertura da pessoa à espiritualidade que nasce no seu íntimo, no encontro com Deus no próprio coração e em cada elemento da Criação¹¹³. Se estamos falando de instrumentos devemos compreender que são limitados, apontam para o inefável que passa por eles, mas que também os supera e, por isso mesmo, são passíveis de revisões, adaptações e mudanças¹¹⁴.

A pessoa humana experimenta a fé sempre através de mediações que inicialmente a convidam, provocam, estimulam a abertura à Revelação. Em seguida, é através de meios e instrumentos que a pessoa recebe os ensinamentos, é esclarecida, formada e apoiada na fé. São muitas as mediações que auxiliam a ação evangelizadora, mesmo porque algumas pertencem à Tradição cristã, como, por exemplo, os sinais sacramentais e os símbolos presentes na liturgia. Outras, entretanto, vão surgindo à medida que dialogamos com as culturas, com a realidade pessoal e comunitária, com os acontecimentos que interpelam a fé cristã¹¹⁵.

Estas mediações desempenham a função de despertar e estimular a caminhada pessoal e comunitária, de fazer emergir na pessoa o próprio dinamismo do crescimento espiritual e propor caminhos que possa seguir e amadurecer¹¹⁶.

¹¹¹ Cf. SANTANA, J. F., *Batizados no Espírito*, op. cit., p.22.

¹¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, op. cit.,; CELAM, *Santo Domingo*, op. cit., n. 24 ; CNBB, *Diretrizes Gerais para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, op. cit., n. 106.

¹¹³ Cf. VELASCO, J. M. *La experiencia cristiana de Dios*, op. cit., pp. 104-105.

¹¹⁴ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 189.

¹¹⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Ad Gentes*, op. cit., n. 10.

¹¹⁶ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 123.

A subjetividade moderna também nos questiona com relação às mediações. Marcada pela racionalidade instrumental, questiona radicalmente qualquer experiência ou conhecimento que tenha seu fundamento em situações que escapem às categorias centrais de intelecção e comprovação científica. No entanto, os fundamentos antropológicos nos falam da necessidade humana de vivenciar experiências que evoquem na pessoa a busca do sentido da existência, a dimensão do desejo e as expressões culturais. Experiências que não possuem a exatidão e a eficácia como características, mas que trabalham na busca de integração da pessoa humana em suas dimensões de interiorização e de abertura¹¹⁷. “A comunidade eclesial, provocada pelo Espírito, não deve temer as novas dificuldades, mas reconhecer nelas novas chances para a obra evangelizadora, renovando seu ardor, seus métodos e suas expressões”¹¹⁸.

A apresentação temática através da linguagem verbal, aonde a matéria prima reside na intelecção dos conteúdos, não pode ser mais a única ação apropriada para a evangelização, muito menos em tempos de modernidade. Há um deslocamento fundamental quanto aos hábitos mentais, à interpretação e à reflexão inaugurados pela subjetividade moderna e concretizados, principalmente pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. Na verdade, estamos diante de uma nova cultura, onde a imagem, a plasticidade, a emoção, a representatividade, ocupam lugar decisivo no mundo da interpretação e do significado¹¹⁹.

Nesse campo estão algumas mediações muito fortes na expressão da religiosidade, como a metáfora, o símbolo, o ritual, o mito. São algumas das mediações que a experiência mistagógica torna presente no catecumenato, nas suas expressões cristãs, tanto na liturgia, como nas homilias, reuniões e partilha das comunidades. Elas tocam não apenas a inteligência, as concepções e a capacidade de interpretar do ser humano, mas também convocam à ação, à mudança de vida e atingem o íntimo da pessoa. É uma linguagem própria da Sagrada Escritura e da liturgia.

De tal modo, vemos a mistagogia escolher a forma narrativa para transmitir os acontecimentos histórico-salvíficos, cuidar da adequação da linguagem, e da escolha dos conteúdos, orientar a participação processual nas

¹¹⁷ Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., pp. 159-160.

¹¹⁸ Cf. CNBB, op. cit., n. 104.

¹¹⁹ Cf. RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, 2000, op. cit., pp. 45ss.

celebrações e na liturgia, assim como o significado dos sinais nos ritos sacramentais. Atualmente, os recursos que estão à disposição são de imensa riqueza para instrumentalizar a transmissão da fé, no sentido de abrirem pontes de comunicação mistagógica com as pessoas e as comunidades.

Romano Guardini, em seu livro sobre os sinais sagrados, mostra a riqueza que neles se encerra e anuncia, já na década de 20, a importância que o simbolismo terá para uma geração que vivia mergulhada nos discursos e ausentes do profundo significado do simbólico.

Vivemos num mundo de símbolos, mas não captamos a realidade que eles representam. Pensamos palavras, mas não coisas... Palavras, palavras! Eis por que nosso pensamento está longe da realidade: ele não a capta. Eis por que nossa linguagem é inexpressiva: não possui nem vida, nem relevo¹²⁰.

Abrindo-nos à importância das mediações que atingem o simbólico na realidade humana, coloca-se o encontro necessário entre ética e estética. A estética traz a linguagem que acolhe a pessoa na sua integralidade e a convida a participar de uma dinâmica que envolve todo o seu ser. É precisamente a partir desse acolhimento, dessa busca de identidade e de diálogo com a alteridade, que nasce o processo de decisão tão necessário para a subjetividade moderna. A veracidade não está na palavra argumentada e afirmada pelo outro, mas pelo nascimento da palavra no interior da própria subjetividade. A verdade torna-se autenticidade e não adesão racional à autoridade de outrem.

A dimensão estética vem a ser uma mediação que possibilita o processo de compreensão pessoal, de fala interna, experiencial do sujeito. Em sua base antropológica, ela trata da capacidade de emoção diante do espetáculo das coisas; do maravilhar-se diante da beleza e da harmonia; da celebração diante do milagre da existência; da fascinação ante o Outro, Mistério santo¹²¹. Aqui entram em cena o jogo, as emoções, as imagens, as expressões corporais, a música, a poesia, a dança, as dinâmicas que favorecem a intuição ao invés da simples dedução.

O centro de uma abordagem estética na evangelização não é o prazer pelo prazer, mas o prazer enquanto alegria e dom. Há aqui uma mudança na relação de prazer veiculada pela mídia, onde a centralidade é ele mesmo e nele está o

¹²⁰ GUARDINI, R. *Os Sinais Sagrados*, São Paulo: Quadrante, 1993.

¹²¹ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 122.

sentido¹²². Na pedagogia da fé, pode-se traduzir a outra face do prazer, onde o núcleo é a doação, a entrega, a dimensão da alegria e da realização no dom de si mesmo, a dádiva da natureza e do outro, a originalidade presente em cada criatura e em cada dimensão da vida.

Imbuídos da ação do Espírito, a mistagogia conduz a ação evangelizadora e pastoral ao estudo, à reflexão sobre seu compromisso e a uma formação que a renove enquanto aprofundamento teológico e pedagógico, encontrando as mediações qualificadas para o anúncio evangélico¹²³.

Passaremos a uma nova e última seção, que se propõe a rever algumas das linhas mestras que a experiência mistagógica inspira à evangelização atual, sem, contudo, pretender absolutizá-las, já que, o grande ensinamento que a mistagogia revela é a orientação última e definitiva que o Mistério imprime ao processo de abertura da pessoa humana à Revelação.

4.1.2

Linhas mestras e pluralidade de circunstâncias

A missão de evangelizar é sempre um convite à conversão¹²⁴. A partir de nossa pesquisa ela pode ser concebida como convite que atinge a todos os participantes deste processo de iniciação, formação e aprofundamento na fé. Sua meta é o anúncio querigmático, com o fim de suscitar a adesão e o desejo de compreendê-lo e interpretá-lo no diálogo com o tempo. Mas este mesmo anúncio convoca a pessoa a ser uma nova criatura, assumindo na sua personalidade, escolhas e relacionamentos, todas as conseqüências da mensagem que acolhe e ecoa no profundo do seu ser.

Na mistagogia encontramos as linhas mestras que favorecem esta dinâmica processual. No entanto, será no diálogo entre as dimensões que participam desta trajetória que estes aspectos podem ser acolhidos, refletidos, questionados, dinamizados ou recriados. A mistagogia é pedagogia que desencadeia a virtude de acolher o Mistério, reconhecer Sua Presença e dinamismo dentro de cada pessoa como na comunidade eclesial, na história humana, na Criação. A partir dela, e

¹²² Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., pp. 84-85.

¹²³ Cf. CNBB., op. cit., n. 114-115.

¹²⁴ Cf. CNBB., op. cit., n. 1.

contando com ela no interior do processo de evangelização, reencontram-se novas formas de estruturar o anúncio, de estar no mundo, de empreender os caminhos que Deus propõe ao ser humano para que responda aos desafios da vida e alcance a sua realização.

Integrar esse processo no catecumenato é também um caminho. Provém da busca da vivência dessa espiritualidade para que seja ela a orientar o olhar de avaliação e de construção frente às experiências pastorais-pedagógicas. Será a integração dessa espiritualidade na própria vida que evocará o transbordamento da mistagogia para os elementos que estruturam e mediam a evangelização. Enfim, também os agentes de evangelização necessitam viver um período de iniciação, de mistagogia fontal, de mergulho no Mistério a fim de não percorrerem uma revisão apenas de cunho pedagógico, discursivo ou metodológico.

Essa experiência concorrerá para um novo olhar, para a perspectiva da missão de evangelizar que aprende-se na pedagogia divina¹²⁵. É dela que nasce a mistagogia, a abertura ao Mistério e a profunda sintonia com os sinais dos tempos, que levaram os Padres da Igreja ao encontro dos meios e os instrumentos para iniciar e formar cristãos firmes na fé. Integrados na mistagogia, ela mesma conduzirá uma nova fisionomia à evangelização. Ela mesma conduzirá ao discernimento e ao diálogo na originalidade e na alteridade. Ela mesma restaurará no ser humano a sua imagem e semelhança com Deus, a sua filiação divina e fraternidade universal. Abertos a essa dinâmica estaremos no caminho da mística, daqueles que se caracterizam por uma nova caminhada que sinaliza aos homens e mulheres um novo jeito de ser pessoa, e inspiram respeito e seguimento de uma proposta de vida¹²⁶.

Portanto, confirmando tudo o que vimos até aqui sobre o dinamismo que a mistagogia impele à evangelização, verificamos que a iniciação cristã e sua formação não têm nada de estático, de fechado estruturalmente, de conquistado de uma vez por todas¹²⁷. Ao contrário, entrar nessa dinâmica é estar atento ao novo que se anuncia a cada momento, é rever atitudes, projetos, mediações. Enfim, aderir à mistagogia é aderir à dinâmica da Revelação e ordenar a evangelização

¹²⁵ Cf. CNBB., op. cit., n. 142, 143 e 144.

¹²⁶ Cf. GIGUÉRE, P., op. cit., p. 50.

¹²⁷ Ibid.

imbuído desta coerência que não só leva em conta, mas realça a dimensão do Mistério¹²⁸.

Para muitos, evocar esta tradição catecumental pode ser uma verdadeira revelação, até porque em tempos de modernidade, também a missão de evangelizar sofre as conseqüências e as influências do seu momento histórico¹²⁹. Com isso pode-se resgatar um processo de evangelização marcado por esse paradigma e em busca de respostas que o dirijam ao movimento que lhe deu origem: o mandato missionário e a inspiração do Espírito Santo que moveu os discípulos a evangelizar por todo o mundo sem temor e sem encararem as situações de sua realidade como obstáculos ao anúncio que proclamavam¹³⁰.

Para a modernidade, o ontem e o hoje possuem diferentes significados. O ontem é visto como ultrapassado, e o hoje já na direção do amanhã¹³¹. Contudo, o Cristianismo nos dá uma nova concepção do tempo na qual este está sempre mergulhado na graça divina. Neste sentido, as experiências do passado não são superadas sem mais, mas tornam-se fontes, inspiração e orientação para o diálogo com o presente fecundo e igualmente marcado pela graça de Deus. É nesta perspectiva que propomos o resgate da mistagogia para as comunidades atuais. Não enquanto mera reprodução das orientações dos Padres da Igreja, mas como orientação, proposta pedagógico-pastoral, espiritualidade que impulsiona a caminhada atual e nos auxilia na busca de um novo rosto para a evangelização.

Atenta à responsabilidade que o legado de Jesus Cristo deixa, a Igreja vem orientando o caminhar das comunidades ao longo dos tempos e, com o Concílio Vaticano II, vivemos “um tempo novo para a vida da Igreja, um sopro do Espírito que se difundiu para além dos quadros intra-ecclesiais e dos ambientes religiosos”¹³².

A urgência da evangelização hoje, por um lado, vem ao encontro desse mandato claro e evidente para a consciência dos discípulos de Jesus. Por outro, depara-se, mais que em outras épocas, com a complexidade dos novos contextos em que a Palavra viva deve ressoar. Esses novos desafios nos ajudam a superar visões parciais da evangelização e a compreendê-la em sua “realidade rica, complexa e

¹²⁸ Cf. VASQUEZ, U., op.cit., p. 7-11.

¹²⁹ Cf. PAGOLA, J. A., op. cit., p. 20.

¹³⁰ Por exemplo, At 4,8-12; 5,29-32; 8,4; Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL, J., *Los cristianos del siglo XXI*, op. cit., p. 105.

¹³¹ Cf. LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade*, op. cit., pp. 91-98; BINGEMER, M. C. L., *Alteridade e Vulnerabilidade*, op. cit., p. 17.

¹³² Cf. CNBB, op. cit., n. 29.

dinâmica”, integrando todos os seus elementos essenciais, de modo que ela implique não apenas o anúncio do Evangelho por palavras, mas também a vida e a ação da Igreja¹³³.

As orientações do Magistério e a repercussão destas no interior das comunidades eclesiais, nas pastorais que orientam a evangelização e nas escolas que assumem esta missão como sua razão de existir no mundo, vêm fazendo brotar muitas experiências fecundas e sinais de um Cristianismo vivo¹³⁴. Essas comunidades dão testemunho no mundo de sua forma alternativa de vida e do amor de Deus aos homens e mulheres de todos os tempos¹³⁵. Também é importante que partilhemos essas experiências e progressos, e não apenas dificuldades e fracassos. Abertos à dinâmica do Espírito não viemos colhendo apenas problemas, mas também conquistas que nos apóiam e nos edificam mutuamente¹³⁶.

Muitas comunidades existem onde o processo de evangelização experimenta crescimento e novas propostas diante das interpelações que enfrenta. Por isso, também devemos estar atentos à dinâmica de cada comunidade, no seu modo próprio de experimentar o Mistério e de anunciá-lo. O diálogo com a experiência mistagógica nos auxilia no sentido de indicar linhas mestras de reflexão e de ação, mas será a dinâmica interna dos elementos presentes no processo que provocará o discernimento necessário para a criação de projetos que possam atender à sua realidade.

Concluimos esta etapa com a exortação dos Bispos do Brasil para que abracemos a evangelização com renovado ardor missionário:

O evangelizador deve comunicar o Evangelho com vibração, entusiasmo e alegria, na certeza de ser instrumento de Deus, sabendo que está cumprindo a missão recebida no Batismo. O mundo precisa de uma nova evangelização com a descoberta de novas formas e de novas possibilidades, para que a Palavra de Deus se torne fonte de inspiração para a vida das pessoas e para a construção da sociedade¹³⁷.

¹³³ Ibid., n. 68.

¹³⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., pp. 141.

¹³⁵ Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL, J., *Los cristianos del siglo XXI*, op. cit., p. 109-110.

¹³⁶ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 141.

¹³⁷ Cf. CNBB, op. cit., n. 11.